

Campos critica 'soluções mágicas' contra inflação

Da sucursal de
BRASILIA

Numa das mais longas análises críticas sobre a situação econômica brasileira, o senador Roberto Campos (PDS-MT) fez, ontem, a sua estréia na tribuna do Senado, dividindo o seu discurso de duas horas em sete temas e propondo 11 projetos de leis, sete deles de natureza social. Ele advertiu que o combate à inflação deve ser praticado sem que se busquem soluções mágicas, mas como imperativo, pois a seu ver, é um erro tentar procurar os remédios na chamada "gaveta das ilusões".

O senador, que não permitiu apartes, acha que a solução da crise brasileira exige mudanças estruturais e institucionais. A primeira mudança estrutural pode ser alcançada com prioridade ao combate à inflação, "que já é uma inflamação", por provocar o desemprego e tornar inviável o crescimento econômico sustentável.

Enfatizou, ainda, que o êxito na luta contra a inflação exige mudanças estruturais, entre as quais o retorno do Banco Central às suas funções exclusivas de autoridade monetária; a observância de um sistema de orçamento consolidado previsto no Artigo 62 da Constituição e a reforma tributária.

OS TEMAS

Roberto Campos colocou de forma didática os sete temas em que se desdobrou o seu pronunciamento: 1) a displicência demográfica; 2) a imprevidência energética; 3) a sacralização do profano; 4) a nova demonologia; 5) a gaveta dos sonhos; 6) a panacéia jurisdicista, e 7) as lições e soluções da crise. Sobre esses temas, assim se manifestou o senador por Mato Grosso:

Displicência Demográfica — O

País, no entender do parlamentar, não pode fugir a algumas evidências cruéis a esse respeito. Como a constatação de que todos os países hoje desenvolvidos, com boa qualidade de vida, têm taxa de crescimento populacional inferior a 1% ao ano (a brasileira é de 2,49%).

Imprevidência energética — Segundo Campos, esse fator responde por importante parte de problema brasileiro de endividamento, recordando, a propósito, que a produção da Petrobrás somente dobrou quando foi mudada a política de investimentos da empresa. Nesse capítulo, o senador fez duras críticas à Petrobrás, afirmando que ela se tornou uma grande empresa "acima do solo", conforme definição do professor Eugênio Gudín.

O senador governista condenou "o absurdo grau de concentração do Estado" e a sua invasão em áreas da iniciativa privada: em 1982, o capital estatal representava, como lembrou, 82% do capital conjunto das 50 maiores empresas do País, das quais 26 são estatais.

Sacralização do profano — Esse item foi apresentado como a transformação de bens econômicos em tabus ideológicos, com dois subprodutos: o intervencionismo estatal e o desrespeito à hierarquia das leis. Essa sacralização transborda para o campo político, por meio do "elasticamento" do conceito de segurança nacional, com a conseqüente burocratização.

A íntegra do discurso do senador Roberto Campos, na sua estréia no Senado, encontra-se nas páginas 34 a 36

A nova demonologia — "Querer acelerar o desenvolvimento tecnológico e insistir em redescobrir a roda típica de escapismo é buscar desculpas externas para evitar reformas internas", sustentou Roberto Campos ao apontar os "demônios" criados no País, lembrando que o demônio da moda são as empresas multinacionais, além do "demônio de reserva", que é o FMI.

"É tempo de refugarmos o infantil escapismo de atribuir nossa insolvência ora ao elitismo da República velha, ora ao populismo de Vargas ou Goulart, ora ao desenvolvimento de Kubitschek, sempre à espoliação infligida por forças externas, tudo com retórica inflamada, característica daqueles que, como dizia Gilberto Amado, nos dardejaram o olhar terno dos que se despedem da razão."

Para Roberto Campos, "na raiz de tudo, está a nossa crônica e muito piniquim inflação". A seu ver, "um país inflacionário é um país que vive acima de seus meios e o Brasil é um país recorrentemente na insolvência, porque é um país cronicamente inflacionário".

Gaveta dos Sonhos — O senador pelo PDS apontou quatro "inquietos contumazes" na nossa "gaveta dos sonhos", entre eles a ilusão de que o País poderia ser uma ilha de prosperidade num mar de recessão. "Dessa miragem, nasceu o II Plano Nacional de Desenvolvimento."

Nesse mesmo capítulo, ele comentou a questão do desemprego, explicando que o principal causador do desemprego é a inflação que estiola os desenvolvimentos privados. E fez uma observação: "Como as nações não aprendem pela experiência, e sim pela fadiga, continuaremos a buscar soluções mágicas na gaveta dos sonhos. Não é proibido iludir o povo. É apenas cruel".